

EM BRASÍLIA, SETEMBRO, DE LÍVIA MILANEZ

Rogério Makino¹

MILANEZ, Livia. **Em Brasília, Setembro**. Brasília: Edição da Autora/Táctil, 2022.

O livro *Em Brasília, Setembro* é o primeiro romance completo de Livia Milanez, escritora nordestina-brasiliense, servidora pública, polímata – originalmente de formação em Relações Internacionais –, mas com interesse e incursões no mundo artístico-literário. Alguns dos seus elementos biográficos aparecem no romance como o espaço no qual se desenrolam as narrativas, a sincronicidade da faixa etária e do momento histórico da autora e das personagens e a própria experiência de ir viver em Brasília, longe dos pais e irmãos. Mas também se reflete em elementos mais específicos, como na função burocrática exercida pela personagem Laura na Esplanada dos Ministérios.

Inicialmente, chama atenção no livro o espaço em que se desenvolve a maior parte da estória: Brasília e o Planalto Central. É onde a amizade das protagonistas inicia-se, desenvolve-se e, posteriormente, entra em uma fase de suspensão peculiar. As descrições dos lugares, dos tipos sociais que habitam e de sutis micro padrões culturais despertam o sentimento de familiaridade e fazem muito sentido para quem mora ou já morou na capital federal. É uma obra de ficção, mas muitas informações sobre o Distrito Federal têm fidedignidade etnográfica.

As protagonistas são Laura e Roberta, duas adolescentes que se conhecem em uma escola voltada para a classe média-alta, em que a última é bolsista. Ambas também estudaram na mesma universidade à mesma época, provavelmente o curso de Comunicação Social, embora isso não seja mencionado explicitamente. Elas têm trajetórias biográficas prévias à amizade muito distintas, personalidades diferentes e expectativas divergentes sobre a vida. A amizade entre as duas, aparentemente, seria improvável.

Laura é um arquétipo do brasiliense medíocre de classe média (ou da classe média em geral), uma espécie de “*cultural dope*” no sociologuês ou o indivíduo

¹ Doutor em Ciências Sociais (Estudos Comparados sobre as Américas). Mestrado em História das Relações Internacionais. Bacharel em Relações Internacionais. Licenciado em Sociologia, Filosofia e História. Professor de Gestão Pública UAB/UNEMAT. E-mail: makinotga@gmail.com

inautêntico que se esforça em se conformar às expectativas e aos valores impostos pela sociedade. É o tipo de pessoa para o qual parecer é mais importante do que ser. Essa conformidade, muitas vezes, gera um preço a se pagar: a rotina tediosa de um emprego monótono, a saúde mental – ela faz uso de ansiolíticos – ou a própria felicidade em um sentido amplo.

Ela, Laura, era uma típica mulher de classe média e, ainda que tivesse feito outro curso superior ou nenhum, moraria no mesmo bairro, teria o mesmo carro, visitaria os mesmos lugares e, como única diferença, talvez tivesse um emprego no qual se sentisse um pouco mais realizada. (...) Não importava o caminho que Laura escolhesse, acabaria se debatendo contra os limites definidos pelas condições de seu nascimento. (p. 131)

Em mais de uma passagem, como na supracitada, é ressaltado um certo determinismo social ou até um fatalismo existencial. Nos capítulos finais, em uma cena quase psicanalítica, em que Laura toma consciência de um episódio esquecido de seu passado, ela entende o momento que foi um divisor-de-águas na sua personalidade e no seu modo de ser. Abre-se a possibilidade de que se aquele dia não tivesse acontecido, ela seria outra pessoa.

Roberta tem traços de personalidades opostos aos de Laura, como sua inconformidade às expectativas sociais e aos roteiros pré-programados de vida, assim como a sua preferência pela incerteza e pelas experiências errantes. Ela tem coragem de viver as experiências que Laura gostaria, mas jamais teria a coragem, como a de fazer uma tatuagem de coruja buraqueira. Depois de um tempo em Brasília, abandonou o emprego monótono e os colegas insossos a fim de desbravar vários cenários Brasil afora, retornando, ao final, à casa dos pais no Rio de Janeiro. Assim, como alguém que passa muito tempo no exterior e quando retorna se sente um estrangeiro no próprio país, o regresso de Roberta misturou esse sentimento ambíguo de nostalgia da infância com o de não pertencimento.

Talvez, um ponto em comum que ambas protagonistas tenham seja uma relação não ideal com os pais. Nem para Laura nem para Roberta, os pais são referências positivas, inspiradoras ou construtivas. Não se trata de um conflito geracional, mas de pais que não têm vocação para serem pais, de pessoas que não conseguem evoluir como seres humanos e de como isso impacta os filhos. A diferença social das personagens também se reflete na religiosidade dos pais: a mãe de Laura, de classe social um pouco

mais abastada, após amplificar o próprio vazio existencial, retorna à religiosidade tradicional – o catolicismo –, enquanto os pais de Roberta, mais pobres, são capturados pelo neopentecostalismo televisivo. Nesse último caso, como pano de fundo, observam-se pitadas da política contemporânea, especialmente como ocorre a adesão das camadas mais empobrecidas aos discursos reacionários. Essas correntes religiosas e essa vertente política compartilham características como uma oposição binário do bem contra mal, a identificação de culpados e a esperança de um mundo melhor por soluções simplistas, mas de fácil compreensão pela maior parte das pessoas.

Não há menção a paixões ou a amores eróticos por parte das personagens. A estória é sobre a trajetória de duas meninas-mulheres, dos seus encontros e desencontros, mas, principalmente, da reconstrução de uma amizade. No entanto, pelo menos quatro passagens no texto podem abrir margem para uma especulação sobre um outro sentimento em potencial entre as duas: “os ombros largos” de Roberta (p. 13), que poderia sugerir homossexualidade ou bissexualidade feminina; o trauma de Laura (p. 151-153); um possível ato falho de Laura e a reação exagerada de Roberta (p. 178); e a torrente de sentimentos de Roberta envolvidos na tentativa de reaproximação de Laura (p. 186-188).

Em *Em Brasília, Setembro*, de Livia Milanez a representatividade regional é contemplada já no título, assim como pelas referências às paisagens do Centro-Oeste e as metáforas inspiradas no cerrado. A estória é narrada em uma linguagem clara, acessível, rica e densa, com referências contemporâneas e situações familiares. São personagens com as quais é fácil se conectar, pois, com certeza, já conhecemos pessoas parecidas ou nós mesmos empatizamos, em alguma medida, com elas ou com as suas experiências e pensamentos. Todos nós temos um pouco de Laura e Roberta.

Recebido em: 18/12/2023

Aceito em: 20/02/2024